

Recebido em jul. 2007

Aprovado em ago. 2007

ÉTICA E REVOLUÇÃO PARA UMA REELABORAÇÃO DA LEI NO PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIN

MARIA TEREZA DE CASTRO CALLADO *

RESUMO

Sondar a dimensão revolucionária da reflexão sobre uma política para a modernidade, em Walter Benjamin, tem, como pré-requisito, um olhar sobre a esfera histórica para depois atravessar a disposição em conciliar, à constatação da insuficiência do elemento conceitual atual para definir a ação política, uma retomada do aparato teórico ligado à concepção de soberania na tradição e, enfim, alcançar os meios de fundação da política enquanto ato racional e ato moral, no compromisso de libertar o futuro de sua forma presente desfigurada.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução. Estado de exceção. Estabilização. Forças do êxtase. Disciplina. Afetos. Anti-história.

ABSTRACT

To probe the revolutionary dimension of a reflection on politics for modernity, in Walter Benjamin, has, as a prerequisite, a view on the historical dimension to later cross the disposition to conciliate, to the realization of the inadequacy of the current conceptual element to define political action, a return of the theoretical apparatus linked to the conception of sovereignty in tradition and, finally, reach the means of a foundation of politics as a rational and moral act, in the commitment of freeing the future of its presently disfigured way.

KEY WORDS

Revolution. State of exception. Stabilization. Powers of ecstasy. Discipline. Affections. Anti-history.

* Doutora em Filosofia pela UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. Coordenadora do MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e Professora da Graduação e do Mestrado em Filosofia.

Embora o conceito benjaminiano de Revolução, na esfera política, só venha a ter consistência depois da “Bildungsreise”¹ de 1926/27 a URSS, que acabaram gerando o *Diário de Moscou*, seus pressupostos já eram evidentes no livro *Origem do Drama Barroco Alemão* (ODBA), de 1924. Na análise filológica do *Trauerspiel* o século XVII se reconhece na indefinição da modernidade e lança seu apelo ao presente. A investida crítica da reflexão benjaminiana em ODBA funciona como um sismógrafo em direção à “ordem estabelecida”, identificando no seu código legal, o aspecto puramente emblemático, o que resultaria, de fato, na ressonância negativa da República de Weimar, como será mais tarde explicado no texto *Teorias do Fascismo Alemão*.

Trata-se de sondar a dimensão revolucionária da reflexão benjaminiana que tem seu requisito da dinâmica histórica. Benjamin deixa isto claro nas observações de 1929 sobre a situação crítica das lutas de classe a respeito de *História e Consciência de Classe* de Georg Lukács.

Como acontece com relação a vários conceitos desenvolvidos pela filosofia de Walter Benjamin, investigar uma concepção implica penetrar outros aspectos de sua análise. Igualmente sondar a “eticidade” benjaminiana, com a qual o conceito de revolução está visceralmente ligado, significa acatar uma concepção de revolução que se dilata no ângulo da obra de arte, em direção da ação política propriamente dita, envolvendo a teologia e recorrendo ao fundamento messiânico, para

¹ BOLLE, Willi, **Documentos de Cultura, documentos de Barbárie** (Org.), São Paulo, Cultrix, 1986, p. 10.

distinguir-se como viés antropológico. Na realidade, revolução se inicia na reelaboração do conceito de método, quando o pensamento se dispõe a questionar o aparo teórico em que “evoluiu” em direção à ciência e a partir do sistema, no século XIX, o elemento apodítico da filosofia. A constatação da insuficiência desse elemento conceitual para a investigação filosófica, com a qual Benjamin introduz a sua *teoria crítica do conhecimento*, exige um caminho labiríntico que se dispõe a conciliar, à obra de arte como primeiro condicionamento para a busca da verdade – pelo seu conteúdo de verdade (*Wahrheitsgehalt*) – a superação na trilha histórica, em sentido inverso. *É preciso escovar a história a contrapelo*², diz a Tese 7 *Sobre o Conceito de História*. Nesse caso, a obra de arte funcionaria como uma *historiografia inconsciente*³, ou seja, registro de uma época, embora autônomo, que abriria espaço para a reflexão sobre a mentalidade do momento da qual ela é expressão.

Método para Benjamin é portanto “*caminho indireto*”, “*desvio*”, fica claro no Prefácio da *Origem do Drama Barroco Alemão*. Compactua com a metodologia o recurso mimético da cultura, através do qual B. propõe, perante o empalidecimento da crítica da nossa época, a avaliação dos bens culturais (*Kulturgüter*): *De que vale todo o acervo cultural se a experiência não o vincula a nós?* pergunta-se em *Experiência e Pobreza*, texto em que demonstra pelo empobrecimento da experiência e da

² *Die Geschichte über den Strich zu bürsten* Tese nº 7.

³ KOTHE, Flávio, **Para ler Benjamin**, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

tradição a diluição da cultura e pior, sua transformação em barbárie, ao mesmo tempo em que diagnostica a substituição da autoridade e o crescimento do poder ideológico na profusão de idéias do nosso tempo, que nos tornam cada vez mais... desamparados. Mas o sinal de alerta é dado não sem que nos lance imediatamente o estímulo para começar de novo, mesmo como novos bárbaros. Em outro texto *Vida de Estudantes* adverte novamente e propõe que cada estudante encontre seus próprios mandamentos, a fim de elaborar sua revolução moral e ética, encontrando suas próprias leis, como estudante. Benjamin faz questão de inaugurar uma orientação para o convívio através das relações afetivas e do coração e principalmente de fundar sobre elas uma nova política pensada *lato sensu*. A fundação da análise maquiaveliana de Benjamin privilegia a política de forma antropológica, ou seja, ao citar a antropologia do texto de Maquiavel, Benjamin cita o momento em que Dilthey dá um novo sentido à política do fundador da democracia moderna. Sobre essa estrutura sólida o texto benjaminiano se dilata para o compromisso político propício ao nascimento da revolução, nascida da ação de cada um a partir da reflexão sobre a leitura do legado histórico como ponto de partida do projeto de “*libertar o futuro de sua forma presente desfigurada*”⁴, Dessa forma funciona a interface moral da sua filosofia. Reavaliando a leitura do materialismo histórico feita por Marx na trilha

⁴ [...] *bleib nur das Künftige aus seiner verbildeten Form im Gegenwärtigen erkennend zu befreien. Dem allein dient die Kritik.* BENJAMIN, Walter. *Das Leben der Studenten*. IN: **ILLUMINATIONEN**, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1977, p. 9.

iluminista, e é para isso que serve a crítica, Benjamin persiste ainda na consciência crítica sobre a marcha acelerada da civilização no seu estágio avançado, de onde conclui, para se recuperar a experiência ética, que “[...] *é necessário fundar o conceito de progresso sobre a idéia de catástrofe*”, escreve em *Zentralpark*, negando que o progresso⁵ seja filho dileto do pensamento humanista. Estando no progresso o perigo da alienação, é necessário igualmente alienar seu motivo, substituindo *o tempo homogêneo e vazio* que nos legou o progresso, por um tempo saturado de “agoras”. Na realidade, o progresso é *a própria catástrofe que acumula ruína sobre ruína Die Katastrophe die unablässig Trümmer auf Trümmer häuft*)⁶ e que o anjo da história tenta recolher. Diz Benjamin: “[...] *o que continua é a catástrofe. Ela não é aquilo que está para vir, mas o que é dado*. Dito isso, conclui-se que a idéia de revolução pressupõe a superação de uma atitude política orientada por forças reagentes a um *status quo* hostil à realidade operária. Ela deve ser mais que isso, exige a avaliação histórica, com a qual se completará a realização da denúncia ao estágio avançado de uma crise da cultura que vê alienados os próprios bens, do valor político ao moral e ao espiritual como resultado de uma razão que se esvaiu nos canais da sistematização, e com isso, incapacitou-se a um voto de fundamento. O compromisso com a ruína da civilização

⁵ *Der Begriff des Fortschritt ist in der Idee der Katastrophe zu fundieren.* (35) *Zentralpark*. IN: **Gesammelte Schriften**, Band I, 2, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991, p. 683.

⁶ [...] *die Katastrophe die unablässig Trümmer auf Trümmer häuft*. Über den Begriff der Geschichte IN: *Illuminationen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, p. 255.

detém a reflexão sobre os fenômenos da cultura e o desvio, no interior da racionalidade, ou seja, a indefinição, o fragmento, a hegemonia da imagem e sobretudo a degeneração da lei na República de Weimar – comprovam a *desqualificação da norma enquanto instância crítica*. Pensar em revolução em Benjamin significa pensar em questionar o universo conceitual. No mapeamento da perda do *ethos* histórico, a lógica do conhecimento benjaminiano deve ultrapassar os princípios do sistema em cujo diâmetro foi avaliada a pretensão do conceito à verdade. Ela pode estar no reino da singularidade do fenômeno particular e não ser alcançada pelo conceito, é o que Benjamin comprova na atitude do monarca do drama barroco alemão, ao referendar a obra de arte, como local onde é visado *o que é exemplar ainda que só se consiga encontrá-lo num simples fragmento*. A falência do sistema se evidencia na instauração do conceito sobre um universal elaborado sobre a média, o que Benjamin rejeita no Prefácio à *Origem do Drama Barroco Alemão*. O princípio questionado dentro da nova abordagem da Revolução, agora como categoria e não mais simplesmente como expressão sócio-política⁷, é o elemento conceitual. Só uma *razão polifônica* estaria apta à recondução de todas as manifestações vitais, de acordo com o princípio da *Lebensphilosophie*, na tradição de Nietzsche a Bergson, mas que se extraviaram na passagem para o conceito, despotencializando a

⁷ WIZISLA, Erdmut, Revolution IN: **Benjamins Begriffe**, Frankfurt am Main, Suhrkam 2000, s.665: “*Revolution ist kein ausschliesslich politischer Ausdruck, sondern eine Kategorie, in der, politisch-historische Aktion und menscheitsgeschichtlich-messianische Perspective sich einander annähern, zeitweise sogar überlagern*”.

significação. A reflexão benjaminiana reage com a revolução a um conceito que compactua com as regras do sistema e se distancia da doutrina filosófica, fundada na codificação histórica e não *more geométrico*. Revolução é recisão do elemento conceitual que define sem avaliação de si mesmo, condição para se alcançar também a verdade do fenômeno particular.

Na verdade, revolução já está presente no momento em que Benjamin propõe uma *Crítica ao Conceito de Arte no Romantismo Alemão*, isto é, ao elemento de representação estética do mundo. Benjamin não pode aceitar que ele se estabeleça sobre um expediente da linguagem que cristaliza o sentido para realçar o sempre igual da coisa simbolizada. Seu adversário será a alegoria. *A alegoria é a armadura da modernidade*⁸. A opção pela alegoria (*alleon-agorein* – aquilo que diz o outro) faz parte da metodologia benjaminiana para a revolução-revelação do outro, que é também a revolução-revelação do particular. Em *A Origem do Drama Barroco Alemão* (ODBA) a alegoria é estudada como expressão do drama do século XVII, cumprindo uma tarefa de desvelar o que se esconde na paisagem de degradação política desse século. É ela a *facies hippocratica* da história, a que revela o lado decadente, incompleto, da *physis*, mas também a aspiração à completude, ao todo, que está nos *arcanos* do outro, capaz de romper com a *racionalização da sociedade*, não mais concebida como emancipação, mas

⁸ *Die Allegorie ist die Armatur der Moderne* IN: **Zentralpark**, B I 2, Frankfurt am Main, Suhrkamp, p. 681.

⁹ MATOS, Olgária Chaim Féres, **Os arcanos do inteiramente outro**, São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 15.

ultrajada como *algo a ser produzido mecanicamente* ⁹.

A revolução se dá a conhecer na atitude no governante, ao se identificar com a miséria do súdito, aquele ao qual nada resta a não ser obedecer. Revolução é a superação das contingências temporais e espaciais, em direção ao restabelecimento da paz.

Transgredindo a própria soberania, a personagem do monarca funda sua vontade em uma moralidade, de onde se pode deduzir uma filosofia estoica a toda prova. Desse *estado de exceção*, com o objetivo de neutralizar a realidade de conflito, deduz-se o sentido mais *anti-histórico*, uma vez que a história é representada no século XVII, imagisticamente em uma *sucessão de catástrofes* que culminaria no cumprimento do destino: a morte. O que dá realce à atitude do monarca é que no cenário do drama alemão nenhum personagem é *movido pelo mínimo sopro de ideal revolucionário*.

Se da análise da política da República de Weimer deduz-se a falta de garantia da lei, e implicando seu cumprimento na sujeição inequívoca à degeneração e amoralidade, o confronto com a realidade do barroco, descrita pelo drama alemão no século XVII comprova que a situação caótica provocada pela inexistência da lei pode ser arrefecida, dependendo do grau de moralidade dos pactuantes. Ali a *mobilização de afetos em favor de outros afetos* substitui, aqui, o código político. Na verdade esse se esvazia, na medida em que relega a segundo plano a *destinação humana*, em favor da realização da *utopia*. Parodiando Adorno, na crítica à teoria do declínio do ocidente de Spengler, a utopia precisa ser contida, porque nela se encontra a degradação. A revolução benjaminiana deve reprimi-la enquanto

resultado do progresso (*Fortschritt*).

Não se pode deixar de ver na fraude da lei na República de Weimer, a alusão ao aspecto aparente da ética formalizada, eleita e fundada, muitas vezes, apenas na norma, *desqualificada* por Benjamin *enquanto instância crítica* para medir o particular. Sua inaplicabilidade se funda, segundo Maquiavel, no fato de que a natureza humana não muda.

Maquiavel já pensava sobre o aspecto da invariabilidade da natureza humana. Contra a norma inútil Benjamin sugere que a exceção seja a regra. A norma, por sua natureza, não passa de convenção. O discurso da legitimidade do conceito se esvazia no rótulo, no emblema. Para B. revolução é reconceituação incansável do conceito. O *Grübler* (o contemplador-ruminador) é o princípio norteador do revolucionário e do *caráter destrutivo* que abre caminhos por toda parte. *Grübler* e *Sammler* (o colecionador) são cúmplices do revolucionário, são eles próprios revolucionários. O colecionador (intelectual) desperta mais cedo que os outros, com o objetivo de recolher o que resta de positivo no “aglomerado de escombros da história”. Seu contrário é o conspirador do drama barroco, que destrona o reino para assumir o espaço soberano e sem o supor compactua para que tudo permaneça da mesma forma. Nesse caso, a sublevação é apenas aparente. Ela favorece a ilusão de mudança para que o poder se perpetue. Os príncipes se sucedem sem nenhuma revolução: *Nenhuma personagem do drama barroco é movido pelo menor sopro de ideal revolucionário*. A única atitude revolucionária é a que se origina na atitude do monarca, fato, do qual, a

crítica de arte do século XVIII orientada pela teoria aristotélica da Poética, não foi capaz de extrair o sentido ético, escondido por trás da soberania tutelar do universo teocêntrico medieval. É assim que Benjamin encontra uma raiz da revolução na vontade do monarca do drama barroco alemão. O lugar que sua função preenche o designa como o eleito de Deus para dispor, à vontade, da soberania que lhe compete. No entanto o monarca transgrediu essa onipotência, instaurando um *estado de exceção na alma*, como expediente que vai restaurar e manter a organização no reino e alcançar uma *estabilização da história*. Essa idéia tem seu fundamento no rigor da moral luterana. A ação esvaziada de significação na concepção luterana, compensa a causticidade sobre si mesma, reagindo à falta de transcendência, pois a salvação depende somente de um desígnio divino. Em “sobre a liberdade do cristão” serão revitalizados princípios que selam um pacto com a interioridade do homem, zelando pela *hegemonia cristã incontestada* do barroco. Benjamin transfere essa situação de luto que tem na modernidade a sua pós-história, para avaliação do caos político do seu tempo: o expediente de olhar, no século XVII, a história enquanto uma sucessão de catástrofes, inspira a decisão da ação revolucionária. Se ali o fim era o regime de paz, a leitura benjaminiana do materialismo histórico de Marx enquanto um recurso “antropológico”, revigorando o mesmo fim, deve ser trazida para instaurar a possibilidade de transformar a dinâmica histórica em *práxis* política. Se a leitura benjaminiana da *conspiração*, no *palco* da corte do século XVII, reconhece o sempre

igual, na modernidade, o fenômeno mesmismo é grato ao progresso. A remodelação aparente e incessante do progresso passa a idéia de que usufruímos do novo. Na verdade estamos saturados dos arcaísmos do poder. Contra a prática da política caquética que repete o sempre-igual, a leitura benjaminiana da história reconhece a necessidade de uma revolução que instaure o verdadeiramente novo e, para isso, se estruture no rompimento da história, como marcha¹⁰ acelerada na esteira iluminista em direção à utopia. O lugar que ela habita – a cultura – não corresponde mais ao lugar de origem do impulso pela sobrevivência imanente à humanidade.

A verdadeira utopia é revolução, que utilizou-se da reflexão para decidir. O texto sobre o surrealismo mostra que é urgente *“convocar as forças do êxtase para a revolução”*. E também que *“em cada ato revolucionário existe um elemento de êxtase vivo, mas isso não basta. Ele é de caráter anárquico”*. E *“acentuar o elemento anárquico seria postergar a preparação metódica e disciplinada da revolução, inteiramente em favor de uma práxis que oscila entre o exercício e a celebração antecipada da vitória*. Revolução é rompimento na medida em que instaura um tempo novo – o *Jetztzeit (a agoridade)* – em que o presente se revitaliza, na medida em que se identifica com o passado, atualizando a tradição e se projetando para o futuro. No apelo à modernidade o passado barroco salva-se, enquanto o presente, aprendendo com a lição do barroco, se fortalece para a revolução. *“Revolução não significa rompimento com o passado, mas atualização da*

¹⁰ Para Marx a revolução é a locomotiva da história, para Walter Benjamin seria o freio emergencial dessa locomotiva.

tradição, diz Olgária no *Iluminismo Visionário*. Por esta revitalização é responsável o novo historiador, como intérprete dos enigmas. E da mesma forma o filósofo, como pensava Platão. O filósofo é aquele capaz de reflexão para aproximar-se da *Aletéia*. A ação não é gratuita. A verdade ofusca. Para Benjamin, a bÍlis negra do saturnino desvenda a anomalia dentro da aparente ordem para subvertê-la em norma para a humanidade: a felicidade (*das Glück*). Mas primeiro, a bÍlis negra gera – com o fim de reconhecer a anomalia e o absurdo – a melancolia. Melancolia é via para a reflexão, é *Grübeln* (meditação, contemplação da catástrofe do mundo) que conscientiza da perda e se prepara para a mudança. Ela traz à tona o que existe de inexperienciável, o *a priori*, o valor de verdade que jaz supérfluo na experiência do monarca como governante: *die Werte, [...] unerfahrbare –, denen wir dienen*”, com o objetivo de convertê-los em ação.

O elemento de verdade gerado pela reflexão precipita a busca propícia à revolução. É desta forma que a *Origem do Drama Barroco Alemão* prepara e orienta para a mudança que finalmente tomará corpo nas *Teses por um conceito de História* – no conceito de revolução – já embrionário no texto de 1925 sobre *Trauerspiel* do século XVII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *O que é Política?*. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Walter Benjamin-1892-1940. In: *Homens em Tempos Sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 133-176.

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.

_____. Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: *Obras Escolhidas*. v. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Rua de Mão Única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. In: *Obras Escolhidas*. v. II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. In: *Obras Escolhidas*. v. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOLLE, Willi, *Fisiognomia da MetrÓpole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.

MATOS, Olgária Chaim Féres. *Os arcanos do inteiramente outro - A escola de Frankfurt - A Melancolia e a Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *O Iluminismo visionário - Benjamin, leitor de Descartes e de Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

OSBORNE, Peter e BENJAMIN, Andrew (Org). *A Filosofia de Walter Benjamin - destruição e Experiência*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WIZISLA, Erdmut. Revolution. In: *Benjamins Begriffe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2000. p. 665-693.